



XII Domingo do Tempo Comum (Ano C)

O texto – Lc 9,18-24

- 18 Aconteceu enquanto *orava* em particular,
estavam com Ele os discípulos,
perguntou-lhes:
«QUEM DIZEM AS MULTIDÕES QUE EU SOU?».
- 19 Respondendo, disseram:
«João Baptista;
outros, **Elias;**
outros, um dos **antigos profetas**
que ressuscitou»
- 20 Disse-lhes: «E vós, quem dizeis que Eu sou?»
Respondendo, Pedro disse: **O CRISTO DE DEUS».**
- 21 Ameaçando-os,
ordenou-lhes que não dissessem ISTO a ninguém,
22 e dizendo:
*«É preciso que o **FILHO DO HOMEM***
sofra muito
e que seja rejeitado pelos ANCIÃOS,
pelos SUMOS-SACERDOTES e pelos ESCRIBAS,
que seja morto
*que no terceiro dia **ressuscite».***
- 23 Disse a todos:
Se alguém quer vir após **mim,**
renegue-se **a si mesmo,**
tome **a sua cruz,** **TODOS OS DIAS,**
e siga-me.
- 24 Pois, quem quiser **SALVAR** a sua vida
há-de perdê-la;
mas, quem *perder* a sua vida por causa de mim
há-de SALVÁ-la.

Breve comentário

O texto de hoje, à primeira vista, apresenta-se como um paralelo de Mc 8,27-35. Porém, uma análise mais atenta permite-nos ver o retoque que Lucas ao texto, inserindo-o na sua teologia.

Não nos é dito o lugar, como em Marcos, que coloca o episódio a caminho de Cesareia Filipe. Simplesmente, Jesus está em oração, em particular, rodeado pelos discípulos. É um dado típico de Lucas

que põe sempre Jesus a rezar antes de um momento fundamental (cf. Lc 5,16; 6,12; 9,28-29; 10,21; 11,1; 22,32.40-46; 23,34).

É neste ambiente de intimidade com o Pai e os discípulos que surge a pergunta: «*Quem dizem as multidões que Eu sou?*». Os discípulos dão-lhe conta do que tinham ouvido por aí: as multidões não descobriram a sua essência, não são capazes de abrir-se à novidade de Deus, limitando-se a esquemas do passado distante ou recente – Jesus é João Baptista (que já tinha morrido), Elias (na linha do profeta Malaquias) ou um dos antigos profetas que ressuscitou. Jesus não é entendido como o Messias, mas apenas como um precursor do Reino.

A questão é dirigida aos discípulos, mas só Pedro, como representante dos outros e da fé cristã, respondeu: «O Cristo (Messias) de Deus». Jesus aceita o título, mas está consciente da carga nacionalista e gloriosa que tal conceito tem na mentalidade judaica da época, e também para os seus discípulos, pelo que proíbe que isto seja divulgado.

Jesus é o Cristo, mas quer esclarecer a sua missão e o caminho para chegar à glória, à vitória. Mais tarde irá perguntar aos discípulos de Emaús: «Não devia o Cristo sofrer tudo isso e entrar na sua glória?» (24,26). Por isso, esclarece: o projecto de Deus («é preciso») para o reino e a libertação dos homens passa pelo dom da sua vida entregue por amor, passa pela cruz («Este é o rei dos judeus»: 23,38) para chegar à vida pela ressurreição.

Este caminho é uma escolha que se impõe «a todos» os que querem seguir Jesus, não apenas a alguns. Não existe um termo intermédio. E não se trata somente da aceitação das contrariedades da vida (*a nossa cruz*), mas da renúncia ao orgulho («renegar-se a si mesmo») e duma vida de doação, de amor e de entrega («a cruz de Jesus»), não de vez em quando, em circunstâncias especiais, mas «todos os dias». É nesta escolha fundamental por Jesus («por causa de mim») que se pode «salvar a vida».

P. Franclim Pacheco
Diocese de Aveiro